AS BAIANAS NO CARNAVAL CARIOCA: O CORPO COMO CONSTRUÇÃO E COMO RESISTÊNCIA

THE BAIANAS IN THE CARIOCA CARNIVAL: THE BODY AS CONSTRUCTION AND AS RESISTANCE

LAS BAIANAS EN EL CARNAVAL CARIOCA: EL CUERPO COMO CONSTRUCCIÓN Y COMO RESISTENCIA

por Thiago Acacio de Almeida¹, Natália de Andrade Rocha²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo lançar questionamentos sobre a relação entre o corpo coletivo da Ala das Baianas e o Carnaval Carioca, entendendo o corpo como uma construção social e simbólica que carrega consigo elementos de resistência e de negociação com as imposições do mercado. Como método, foi realizada uma pesquisa exploratória com integrantes do “G.R.E.S. Feitiço do Rio” a fim de dialogar a respeito do tema e somar a discussões futuras. Para eles, a ala, que guarda as origens do samba e a relação com o sagrado, sofreu algumas mudanças ao longo do tempo mas segue ocupando lugar de resistência.

Palavras-chave: Carnaval; Corpo; Resistência; Identidade.

ABSTRACT

This study aims to raise questions about the relationship between the collective body of Ala das Baianas and Carnaval Carioca, understanding the body as a social and symbolic construction that carries elements of resistance and negotiation with the impositions of the market. As a method, an exploratory research was carried out with members of the “G.R.E.S. Feitiço do Rio” in order to discuss the topic and add to future discussions. For them, the wing, which keeps the origins of samba and the relationship with the sacred, has undergone some changes over time but continues to occupy a place of resistance.

Keywords: Carnival; Body; Resistance; Identity.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo plantear preguntas sobre la relación entre el cuerpo colectivo de Ala das Baianas y el Carnaval Carioca, entendiendo el cuerpo como una construcción social y simbólica que conlleva elementos de resistencia y negociación con las imposiciones del mercado. Como método, se llevó a cabo una investigación exploratoria con miembros de “G.R.E.S. Feitiço do Rio” para discutir el tema y agregarlo a futuras discusiones. Para ellos, el ala, que mantiene los orígenes de la samba y la relación con lo sagrado, ha sufrido algunos cambios con el tiempo, pero continúa ocupando un lugar de resistencia.

Palabras clave: Carnaval; Cuerpo; Resistencia; Identidad.

1. INTRODUÇÃO

O que motiva esta pesquisa é a possibilidade de apresentar um olhar diferenciado sobre o corpo e as diversas formas de representação nos desfiles das escolas de samba do carnaval carioca. O que se deseja é trazer, por meio de pesquisa etnográfica, o olhar do desfilante e o que o motiva estar ali, doando-se a uma narrativa, entendendo o que ele espera representar, qual contribuição ele pretende trazer para a escola. Bem como, o olhar do responsável por criar e desenvolver a narrativa

¹ Graduado em Publicidade e Propaganda pela UNESA, Graduando em Ciências pelo Colégio Pedro II, Pós-Graduando em Relações Étnico-raciais: Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas pela UCAM. E-mail: contatothiagoacacio@gmail.com

² Graduada em Comunicação Social pela PUC-RIO, Mestre em Comunicação pela PUC-RIO, Doutora em Comunicação pela UERJ. E-mail: natyndrade@hotmail.com

eleita pela escola de samba por meio dos corpos que ali estão dispostos para que juntos narrem uma história. E assim, comparar, com o olhar da mídia, de como é representado esse corpo, de que forma esse corpo é “vendido” como produto midiático internacionalmente, que narrativa se cria em torno dele.

O interesse por falar do corpo nos desfiles das escolas de samba do carnaval carioca se deve muito a minha ligação direta com o meio, devido à minha atuação como intérprete de escolas de samba desde 2010. Porém, mais do que isso, essa festa, que é uma avalanche de significado e representação, sempre despertou interesse, devido à relevância cultural que a manifestação tem para o Brasil.

O corpo é peça fundamental que possibilita que tantas histórias sejam contadas nos desfiles. É o corpo quem se encarrega de representar aquela história, que se empresta para ser construído, que literalmente veste a “camisa” e defende a narrativa em prol do sucesso de sua escola de samba.

Goldenberg (2007) afirma que, a partir dos meados do século XX, o culto ao corpo alcançou uma dimensão inédita na sociedade: diversas transformações sociais trouxeram uma difusão hegemônica de padrões imagéticos; uma busca incessante pelo corpo ideal, profissionalização dos cuidados estéticos abrindo, assim, espaço para novas carreiras, expandindo um novo mercado de cuidados com o rosto e com o corpo. Ainda, segundo a autora, a mídia contribuiu imensamente para que se expandisse essa onda de paixão por moda, consumo de produtos de beleza tornando a imagem passada por meio do corpo portadora de uma dimensão que acaba sendo essencial para a construção da identidade de cada indivíduo.

Cavalcanti (2011) é uma referência importante para esta pesquisa, pois, em seu estudo sobre o corpo e o envelhecimento no carnaval, contribui de forma significativa com o estudo em torno do corpo carnavalesco, tendo como objeto o grupo da Velha Guarda e das Baianas do carnaval. (A autora, também, em 1994, publicou a primeira edição do livro *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile* que é uma versão revista de sua tese de doutorado.) O estudo de campo se deu junto a Mocidade Independente de Padre Miguel, durante o ano de 1992.

Este estudo almeja trazer uma contribuição para a comunicação e áreas afins, somando aos estudos já realizados sobre o corpo e o corpo no carnaval, trazendo novos dados colhidos por meio de trabalho de campo, trazendo ainda a perspectiva comparativa entre o corpo representado na mídia e o corpo como espaço de representação das narrativas eleitas pelas escolas de samba para serem apresentadas em seu desfile no carnaval.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. O CORPO NO CARNAVAL CARIOCA

Carnaval, a “festa da carne”. O momento de se despir do uniforme e se tornar um folião; virar do avesso, fazendo deste período um “lavar das almas” libertando-se das construções morais e éticas do cotidiano; pondo de lado o racional e deixando que a euforia seja o guia. Segundo Da Matta (1997), as fantasias distinguem e revelam, enquanto os uniformes igualam e corporificam. O Carnaval carioca é, na sua concepção e para os cidadãos, o momento de quebrar padrões, de distinguir e revelar, abrir mão do pudor e da moralidade.

O Carnaval é também o espaço em que se permite viver o diferente; ser o que não se é, ser o que quiser. Pobres se vestem de ricos; ricos se vestem de pobres; homens incorporam mulheres, enquanto mulheres se montam de homens. Uniformes de médicos, bombeiros, garis, soldados, policiais, ganham um novo significado ao tornarem-se fantasias de pessoas que nunca ocuparam tais funções. As culturas se misturam: o homem urbano se veste de índio, de Curupira, de Boto Rosa. Príncipes, Princesas, Reis, Rainhas e Plebeus surgem pelas ruas, ilustrados por fantasias que recobrem os corpos dos brincantes da cidade.

A “festa da carne” é a festa da exaltação do corpo, um corpo que dança, canta, vibra, ritualiza e comunica. Esse corpo, que significa e ressignifica relações com o espaço e com o outro, foi deveras negado pelo projeto moderno que, embebido na filosofia iluminista, o tratava apenas como “depositário do espírito” (razão) (FERNANDES, 2015). É ainda sob o discurso da razão, que se deve planejar e projetar o futuro, que não se deve gastar esforços com os prazeres dos sentidos, que se deve controlar as emoções e que é negado ao corpo sua capacidade política de representar, de resistir.

Seria então a contramão do regime disciplinar para o mundo produtivo, apresentado por Foucault (2004), trazido pela modernidade, que padroniza, sistematiza o corpo em prol da produção, do capital. É fazer com que o corpo que é o tempo todo controlado, vigiado, punido, que deve estar encaixado nos moldes do homem civilizado, comedido em seus movimentos, se desmonte dessa armadura e caia no samba, entre na folia do carnaval que é o virar deste corpo pelo avesso.

Todavia, quando voltamos o olhar para os desfiles das escolas de samba do carnaval carioca, deparamo-nos com o corpo sendo construído de modo a desempenhar a função de contar uma história. Desta forma, o corpo torna-se o “mediador simbólico”, conforme colocado por Mauss (apud SIQUEIRA, 2015) que compõe um enredo e que carrega uma carga de significados.

O corpo é entregue à mente criativa de um carnavalesco, que o utiliza como um elemento simbólico, das mais diversas formas, para junto de milhares de pessoas, completarem um sentido de modo a transmitir para o público, para a mídia e para o mundo a mensagem eleita pela escola de samba em que desfila para ser contada.

Os desfiles das escolas de sambas ocupam, hoje, um lugar de representação da cultura brasileira para o mundo. O “corpo carnavalesco” é constituído e reconstruído por estas escolas de samba e pela mídia, ao criar reproduções que o transformam em produto a ser exportado como imagem de nosso país e de nossa cultura.

Ao mesmo tempo em que percebemos o papel central do corpo nesta grande festa, retomando um lugar que lhe fora renegado, também percebemos que este corpo que sente prazer na dança, na nudez, na liberdade e que simboliza a resistência negra, carregando consigo tantas histórias também é produto a ser exportado. Também é moldado para caber nas formas desejadas pelo mercado. Tal discurso pode ser visualizado nas entrevistas concedidas para este trabalho. Seria o corpo das baianas ainda um espaço de resistência no Carnaval Carioca?

2.2. O CARNAVAL CARIOCA

Pegado (2005) alega que o carnaval teve seu nascimento na Europa no ano de 1091, como

70 | AS BAIANAS NO CARNAVAL CARIOCA: O CORPO COMO CONSTRUÇÃO E COMO RESISTÊNCIA

subproduto da Igreja Católica, quando o clero decretou a Quaresma, que é trata-se do período de quarenta dias de penitência que antecedem a chegada da semana santa. O objetivo do carnaval era que as pessoas pudessem livrar-se dos prazeres da carne. A fim de atender os desígnios da igreja, o povo encontrou uma forma divertida de se entregar aos prazeres da vida até o começo da Quaresma, na qual deveria ser adotada a mais absoluta abstinência. O início da Quaresma era demarcado pela Quarta-feira de Cinzas, que era antecedida pelo *Carnivale*, uma terça-feira de grandes festejos, chamada “Terça-feira Gorda”.

O autor ainda afirma que o Carnaval chegou ao Brasil em 1723, trazido por imigrantes das Ilhas da Madeira, Açores e Cabo Verde, por meio do entrudo. O entrudo é uma tradição no qual as pessoas e suas famílias se divertiam em batalhas campais atirando bexigas d’água perfumadas uns nos outros, cabaças de farinha, polvilho, cal, alvaiade, pó-de-mico e até misturas malcheirosas providas do lixo. A arma mais emblemática da brincadeira, porém, era o limão-de-cheiro.

Outro componente de grande importância para a história do Carnaval, foram as “Sociedades”, que surgiram no ano de 1855 por meio da fundação do grande clube das sociedades. O mais importante deles, o “Congresso das Sumidades Carnavalescas”, com 80 sócios, entre eles o jovem escritor José de Alencar. Fazendo uso de máscaras, distribuindo flores e jogando confetes para o ar embalado por uma banda marcial que vestia uma indumentária, o clube se reuniu para desfilar na tarde de segunda-feira sob os olhares da família imperial. (PEGADO, 2005)

Este ato foi revolucionário, do ponto de vista que atraiu a atenção dos órgãos de imprensa sendo amplamente divulgado. De acordo com o autor foi uma das maiores transformações já vistas do carnaval carioca. Os Fenicianos, os Democráticos e os Tenentes do Diabo, foram as sociedades que realmente protagonizaram o cenário carnavalesco em até meados dos anos 50, com uma competição saudável, criativa e alegre. O último desfile foi em 1989, a partir de então as escolas de samba roubam a cena com sua modernidade artística e musical herdando das sociedades a grandiosidade estética e luxuosa (PEGADO, 2005).

Os ranchos também foram de grande importância para o carnaval carioca, deixando para a atualidade alguns legados como a contação de uma história através do enredo. O primeiro rancho foi fundado em 6 de janeiro de 1894, seu nome era Rei de Ouros e seu fundador foi Tenente da Guarda Nacional do Exército, Hilário Jovino Ferreiro, também conhecido como Lalau de Ouro.

Uma espécie de misticismo e religião dos festejos tipicamente africanos era, também presente nos ranchos. Era dado como se não tivesse desfilado o rancho que não passasse na residência de Tia Ciata, como era conhecida Hilária Batista de Almeida Baiana, uma mulher, preta, mãe-de-santo e considerada a grande fundadora do Samba por responsável pelas festas que se reuniam grandes nomes da música carioca em seu terreiro, onde surgiu o primeiro samba a ser gravado; e Tia Bibiana, mulher, preta e baiana, dona da casa onde se realizavam os concursos dos primeiros ranchos, duas pessoas de grande importância para o samba e o carnaval carioca.

Foi no quintal da Tia Ciata, em 1916, que floresceu o gênero musical de maior importância para a história do Carnaval. Rapidamente se popularizou e se tornou ritmo oficial do período e símbolo da identidade brasileira pelo mundo. A residência que era localizada na Praça Onze, mais

precisamente na Rua Visconde de Itaúna, número 117, foi a manjedoura do samba. Neste lugar, as festas, regadas de maxixes, chulas e batuques, iam de sexta-feira à noite até a manhã de segunda-feira.

Lá, grandes personagens importantes da música brasileira se faziam presentes: “Pixinguinha, João da Baiana, Donga (considerados a Santíssima Trindade do Samba). Sinhô, Didi da Gracinda, Caninha, João da Mota, Hilário Jovino (o Lalau de Ouro) e o jornalista Mauro de Almeida” (PEGADO, 2005, p.33).

Em uma dessas festanças na casa de Tia Ciata, em uma parceria de Donga com Mauro de Almeida, nasceu o primeiro samba a ser gravado, intitulado “Pelo Telefone”. Não há um consenso se essa foi a primeira composição do gênero. Porém, oficialmente, em registro na Biblioteca Nacional, sob o número 3.295, a música foi legitimada como a primeira da história do samba (PEGADO, 2005).

O surgimento das primeiras escolas de samba se dá nesse contexto de criatividade por parte dos foliões. Segundo Pegado (2005), suas estruturas organizacionais eram bem definidas, tendo como base as agremiações carnavalescas anteriores, tinham apoio da imprensa da época e foram embaladas pelo ritmo de sucesso no momento, o samba. A primeira delas foi a Deixa Falar, criada em 12 de agosto de 1928, no bairro do Estácio, que posteriormente deu origem à escola de samba, que até hoje participa dos desfiles no carnaval carioca, o G.R.E.S Estácio de Sá.

O nome “escola de samba” surge devido ao fato de os mais experientes do samba se proporem a ensinar aos interessados, de outras regiões da cidade a batucarem. Dentre esses bambas, como são chamados até hoje os sambistas com maior experiência, estão os fundadores da Deixa Falar: Bidê, Mano Edgar, Mano Rubem, Baiaco, Newton Bastos, entre tantos outros bambas que fazem parte da história do carnaval (PEGADO, 2005).

O primeiro concurso de sambas que ocorria entre as escolas, que segundo Pegado (2005) envolvia a Deixa Falar, a Mangueira e a Vai Como Pode (hoje conhecida como Portela), ainda não era em formato de desfile e foi estimulada pelo Pai-de-Santo Zé Espinguela. Não há um consenso sobre a data exata deste primeiro concurso. O que há de certo é que ele ocorreu em meados dos anos 1929 e 1931. Em 1932 ocorre de fato o primeiro desfile competitivo:

A partir da oficialização do desfile, as escolas de samba começaram a crescer em tamanho e importância no carnaval carioca, acabando por suplantando as demais agremiações ainda existentes como as Sociedades, os Ranchos e os Blocos, estabelecendo assim uma nova cultura carnavalesca que se espalhou por todo o Brasil. No carnaval de 1948, vinte anos após a fundação da Deixa Falar, já se computavam 35 escolas brigando pelo título de campeã da cidade. (PEGADO, 2005, p.39)

Ainda de acordo com o autor, a década de 60 foi um período de grande relevância em nível de transformações para o Carnaval. Os desfiles das escolas de samba começaram a ser vistos como algo rentável do ponto de vista econômico e passou a ser espetacularizado pela mídia. Essas transformações acarretaram numa maior profissionalização dos desfiles, dando assim, maior responsabilidade àquele que criava todo o desfile das escolas, o carnavalesco.

A partir do momento em que o trabalho do carnavalesco adquiriu tamanha relevância, o samba, que até então era o protagonista da festa, deixa de ser o centro das atenções dando vez a

72 | AS BAIANAS NO CARNAVAL CARIOCA: O CORPO COMO CONSTRUÇÃO E COMO RESISTÊNCIA

estética das alegorias e das fantasias que a cada ano se tornaram maiores, mais luxuosas e melhor elaboradas. O carnaval carioca, especificamente o desfile das escolas de samba, a transformou-se então em produto midiático de exportação e atração turística (PEGADO, 2005).

Essa profissionalização acarretou uma necessidade de remuneração dessa mão de obra que cada vez mais precisava estar qualificada. Deste modo, a relação entre a escola de samba e seus colaboradores passou a ser dada de maneira profissional. E, com isso, as escolas começam a disputar pelos melhores profissionais do mercado que, por sua vez, buscam a escola que dá melhor condições de trabalho. As escolas, portanto, necessitam de investimentos públicos e privados para realizarem suas festas com orçamentos robustos.

Para que esse dinheiro entre nas escolas e elas tenham a possibilidade de manter o padrão do trabalho que executam atualmente na avenida precisam de certa maneira se vender. Assim comercializam suas imagens e seus principais personagens perdendo o caráter sagrado que acomete todas as produções culturais que passam a ser delimitadas pela indústria do consumo e da cultura (PEGADO, 2005, p.59).

Mas é a paixão pela escola que ainda move os que trabalham o ano inteiro para que a festa aconteça. A paixão pela escola e o prazer em desfilar, em estar junto com o outro neste corpo coletivo é a força motriz do Carnaval que entra em negociação com o mercado, com o fazer econômico que se utiliza do cultural.

2.3. O CORPO DAS BAIANAS NO CARNAVAL CARIOCA

Um desfile de uma escola de samba constitui um corpo coletivo composto por milhares de corpos individuais que juntos compõem um emaranhado de significados para contar uma história. E, o que motiva tantas pessoas a embarcarem nessa festa com tanto afincio? Albin (2009) afirma que o combustível que os impulsiona é a paixão, a visceralidade, a relação carnal, o gozo. Segundo o autor, é isso que impulsiona esse grupo de pessoas a se doar em prol do sucesso de sua escola, atuando com um só coração e, apresentando, unidade de canto e dança simultaneamente.

Como festa do povo, o papel fundamental que exerce é o de persistência da estética e da cultura africana e da atração dos holofotes para membros das camadas sociais menos favorecidas pelo capital, visto que são esses que protagonizam esse megaevento. Ainda segundo Albin (2009), foi essa gente, das classes menos abastadas e o povo negro que constituiu o primeiro corpo coletivo do carnaval carioca. Eles que fizeram dessa festa uma realidade e que fortificaram esta cultura possibilitando que hoje ela tomasse tais dimensões.

Podemos observar que o mesmo corpo que era violentado durante a escravidão, sendo reprimido em sua cultura e sua História (SODRÉ, 1998), hoje é o corpo que é exaltado pela mídia e é posto como produto que atrai estrangeiros para conhecer de perto a mulata brasileira, a ginga do malandro, o samba no pé.

O corpo não é reduzido a uma propriedade individual, simples morada particular de uma consciência subjetiva. Rodrigues (2006) afirma que atualmente já existem bibliografias antropológicas, históricas e sociológicas consideráveis de modo a enxergarem o corpo como fenômeno cultural,

porém acentua que há ainda muito espaço para que o conhecimento empírico em torno da antropologia do corpo se alargue de forma horizontal e vertical.

O corpo nas escolas de samba dispõe de diversas formas de representação que abrigam uma carga de significados. O corpo da passista, o corpo do mestre-sala e da porta bandeira, o corpo dos ritmistas, dos compositores, dos intérpretes, dos bailarinos da comissão de frente, dos membros do seguimento da harmonia, dos foliões da comunidade e os dois grupos que carregam toda carga histórica da escola, todo o legado, a ancestralidade e a memória: a Velha Guarda e as Baianas.

Segundo Cavalcanti (2011), estes grupos tem uma identidade diferenciada, fazendo com que eles tenham que assumir determinada conduta, que se elabora, são negociadas e ressignificadas de forma permanente. Para ela, integrar estes grupos exige um processo em que os corpos sejam construídos e modificados de modo a configurar perspectivas distintas sobre o envelhecimento corporal no carnaval carioca.

Sodré (1998) demonstra que há uma dimensão de resistência também no corpo representado do Carnaval. O samba ainda na atualidade pode ser constituído como prática que cumpre papel de resistência da cultura negro-popular e está muito além de um simples espetáculo, que movimenta o capital. “O samba é o meio e o lugar de uma troca social, da expressão de opiniões, fantasias e frustrações, de continuidade de uma fala (negra) que resiste à sua expropriação cultural.” (SODRÉ, 1998, p. 58).

Neste sentido, as Mães Baianas possuem um papel significativo nesse rito em que se fundamenta a cultura do Carnaval Carioca. Elas representam o elo com o sagrado, visto que são elas que cuidam de todo o “axé” de uma escola de samba, sendo responsáveis pela lavagem do sambódromo a fim de benzer e trazer boas energias para os desfiles que sucedem esse ato.

Donato (2007), em sua tese de doutorado aborda o mito na cultura do samba do carioca. Sua pesquisa busca a possibilidade de encontrar no corpo das Mães Baianas os valores essenciais que são estruturadores da cultura do samba e, de forma consequente, a cultura brasileira. No interior do corpus carnavalesco, em que habita uma carga de valores, mora a “essência da cultura brasileira” que é preservada pela permanência da cultura do samba. A autora afirma que essa cultura tem fundamentação em uma relação com o sagrado, em que a mulher possui um papel primordial.

Segundo Donato (2007), o carnaval carioca, adquiriu, com o tempo, a particularidade, em vista dos festejos de outras cidades, de ser inteiramente ligado a cultura do samba e aos ritos que a originaram. O samba, que foi originado por meio da cultura africana, em um terreiro de candomblé, na casa de Tia Ciata, não pode ser limitado apenas a ser visto como um estilo musical, simplesmente. É necessário que enxerguemos o conjunto de ações que o define, considerando que estamos falando de um movimento que nasceu por meio dos ritos religiosos e que foi preservado.

Donato (2007) afirma que as Escolas de Samba carregam consigo, ainda hoje, fundamentos da cultura africana onde nasceu, fruto das relações com o sagrado e a fé, o samba. Muito mais do que simplesmente folia, uma festa da carne, o espetáculo do carnaval se configura num grande ritual que segundo a autora são fragmentos repletos de vivência que são capazes de revelar as marcas e as diferentes identidades. O samba, ainda hoje, enquanto cultura, mantém uma relação inseparável com os rituais sagrados herdados dos povos africanos.

74 | AS BAIANAS NO CARNAVAL CARIOCA: O CORPO COMO CONSTRUÇÃO E COMO RESISTÊNCIA

As baianas, segundo Donato (2007, p. 14), simbolizam os elementos fundamentais para a relação do carnaval com o sagrado, “pois preservam, em suas estruturas, a essência do complexo civilizatório do negro brasileiro, configurando-se, dentro do fenômeno carnavalesco, em corpos cujos fala e silêncio contêm uma pluralidade somente possível de ser lida no lançar-se ao entre-texto”.

As Mães Baianas são as eternas mães do carnaval. Segundo a autora, apesar de todas as transformações ocorridas ao longo de décadas, desde que foi oficializada a ala das baianas, essa figura preserva e representa a resistência feminina, daquela que gera, zela, amaldiçoa, alimenta e abençoe os filhos do samba.

Para Donato (2007), a baiana é um Ser escravo, um Ser religioso, um Ser festivo, um Ser autônomo. Segundo ela, essas baianas, que não são aquelas nascidas na Bahia, foram concebidas no ventre mítico de um povo e trazem tatuadas na pele as marcas de suas histórias. A autora diz, ainda, que elas são um personagem substancial para a existência da festa e que sua presença lhe garante o bônus merecido, visto que a simples profanação de suas saias podem acarretar graves penalidades ao desfile de uma escola.

Com seus corpos, muita das vezes, possuidores de uma fragilidade singular, as Mães Baianas cobertas por suas pesadas fantasias, se dispõem a assumir a responsabilidade que as Escolas de Samba depositam sobre si. Deste modo, instrumentam-se, revestem-se e deixam-se embalar pelos sambas de enredo. O corpo das Mães Baianas carrega muito mais do que simplesmente uma indumentária pesada, cheia de parafernália. Esse corpo carrega significado, guarda memória, guarda o sagrado.

Cada traço, adquirido com a idade; representa uma história de luta, de superação, de resistência. As Mães Baianas das Escolas de Samba do Rio de Janeiro não dissociam suas identidades das que assumem quando estão inseridas no contexto social do samba. Elas não fazem distinção entre a fantasia do carnaval e sua vida cotidiana, ou seja, para a maioria delas a fantasia é a forma com a qual cada uma delas está no mundo.

Segundo Donato (2007), ao longe as silhuetas já revelam as particularidades da composição do corpo das Mães Baianas. Suas saias rodadas, que nem sempre são rendadas, acompanhada por algo, nos ombros, que tenta nos remeter ao antigo pano que encobria as costas, característicos das baianas são elementos de resistência africana que continuam perpetuando a cultura das tradicionais baianas.

Mesmo que estilizado a fim de contar a história do enredo, mesmo carnavalizado, o turbante permanece na cabeça ocupando o espaço aéreo da avenida. A roupa, que a cada ano que passa, perde um pouco de sua característica para dar espaço aos elementos carnavalescos que vem a compor a fantasia e vão encobrindo a característica roupa de baiana passando a exibir apenas a fantasia da escola de samba.

2.4. AS BAIANAS NA G.R.E.S FEITIÇOS DO RIO

A G.R.E.S. Feitiço do Rio é uma escola de samba pertencente a LIVRES, uma liga de escolas de samba dos grupos de acesso do Carnaval carioca que surgiu a partir da difusão da LIESB, que é a liga oficial das escolas de samba que desfilam na Intendente Magalhães e concorrem para acessar a Série A do Rio de Janeiro e, então, desfilarem na Marquês de Sapucaí.

Para este estudo, foram entrevistados três integrantes da escola de samba que ocupam cargos ligados à construção do carnaval e ao seguimento da Ala das Baianas. São eles, Sandra Trindade, que é baiana da escola, Elídio Fernandes Júnior, que é um dos carnavalescos, e Alexandre, que integra a diretoria da escola.

Esta é uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2002), é aquela que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o objeto, visando torná-lo mais explícito ou constituir hipóteses. Segundo o autor, pode-se dizer que o objetivo principal desta pesquisa é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Neste caso, a pesquisa envolveu levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que vivem experiências práticas com o objeto pesquisado.

Parte-se da hipótese de que o corpo das baianas, representado nas escolas pela Ala das Baianas, é, de fato, a representação da memória, da cultura africana e do sagrado. O resultado que se busca é a identificação de até que ponto essa hipótese é verdadeira.

A fim de alcançar esses objetivos, foram feitas entrevistas com profundidade, de cunho qualitativo, com três integrantes do G.R.E.S. Feitiço do Rio a fim de coletar informações com base em suas perspectivas de modo que permitam que se obtenha maior clareza sobre o objeto desta pesquisa.

As entrevistas aconteceram nos dias 29 e 30 de novembro de 2017, tendo ocorrido um encontro com cada entrevistado. A pesquisa se constituiu por perguntas abertas com o intuito de permitir que os integrantes da escola pudessem dizer o que considerassem relevantes para responder ao tema perguntado.

Para o início das entrevistas, priorizou-se buscar a resposta de uma baiana sobre o que ela entende como sendo este papel. Sandra, ao ser questionada, responde que ser baiana é “um respeito ao que se carrega naquela rodada de saia, ao carinho que o público dedica e àqueles giros e toda a tradição do carnaval”. Sandra confessa que hoje ela “não desfilaria em outra ala que não fosse das baianas”.

Sobre o que as baianas representam para o Carnaval carioca, Elídio reconhece que as baianas “são o chão da escola, a base, a raiz”, porém, ele argumenta que não sabe “se hoje as pessoas em geral as veem com toda essa representação”. Todavia, Elídio reconhece que ao longo da história elas “algumas características foram perdidas, mas que elas continuam ocupando o papel de Matriarcas do Samba”.

Alexandre afirma que reconhece a importância das baianas “na origem das escolas de samba” como “uma espécie de porto seguro para os sambistas”. Ele relembra, inclusive, de Tia Ciata. Mas o diretor se indaga “sobre o que elas representam hoje para as escolas samba”. Para o entrevistado, “as escolas estão deixando de se tornar escolas de samba para se tornarem escola de desfile”, deste modo, segundo ele “tudo que está na essência de sua criação vai deixando de ser relevante”.

ALEXANDRE – Assim é com os passistas, que hoje em dia pouco guardam semelhança do gingado malandro de antes, e com as baianas, cujo rodopio passa a ser menos relevante, e passam até a ser vistas como inconvenientes, quando se tornam velhas para suportar as cangalhas com que são vestidas hoje. Resumindo: elas são uma imagem da tradição das escolas de samba e as escolas ainda são o diferencial que tem o carnaval carioca, mas como essas escolas estão se transformando

em outra coisa, essa imagem e sua importância vão tendo outro valor, menos relevante, infelizmente. (Trecho da entrevista concedida por Alexandre)

Segundo os entrevistados, essa cultura do samba está perdendo suas identidades. Tendo em vista o tamanho que o Carnaval alcançou, e, sabendo a relevância que o festejo passou a ter para a economia, pode-se entender que parte desta perda de identidade está ligada ao processo de tornar estes desfiles um produto de modo a moldá-lo para atender a uma demanda da indústria cultural, perdendo, assim, características originárias.

Sobre o significado que as baianas carregam, Sandra revela uma profundidade no significado da palavra que utiliza, quando responde: **“É muito axé!”**. Já Elídio, opta por uma resposta mais contextualizada relembrando uma parte importante da história do samba quando cita Tia Ciata, que ele denomina como “símbolo maior” e afirma que ela, que “traz consigo o mito do espaço de criação do samba, a história do samba do Rio de Janeiro”, passa a ser chamada de Mãe do Samba.

Para Elídio “a baiana tem um significado básico” que ele define como “iniciático (sic)”. O entrevistado aponta uma divergência entre o discurso e a prática quando levanta que o discurso as considera “as matriarcas do samba, mães protetoras”, enquanto na prática ele crê que “isso mudou na medida em que há agremiações que impõem limite de idade para novas baianas e, também, na medida em que um mesmo grupo de baianas defende mais de uma bandeira. Ele questiona: “E a identidade simbólica? E o reconhecimento com a comunidade?”. Elídio termina defendendo que “historicamente (as baianas) tem seu valor simbólico muito diferente do que são no seu cotidiano atual”.

Alexandre declara que, no seu entendimento, as escolas de samba funcionam como uma sociedade um pouco mais antiga, onde “o departamento feminino cuida da casa, como era entendido ser o papel da mulher, e os diretores de harmonia provêm segurança, como era esperado pelos homens”. Dentro desse contexto, ele vê as baianas como “nossas tias mais velhas e nossas avós, que são as referências da família, pois fazem parte há mais tempo da história e identidade da família”. Para Alexandre, as baianas são “o vínculo de cada escola com suas origens.

Sobre a responsabilidade em ser uma baiana, Sandra desabafa sobre o momento que o carnaval está passando de incerteza quanto a realização da festa. “A cada ano as pessoas estão se desestimulando da festa, as escolas valorizam muito pouco o sambista. Ninguém ouve as preferências daqueles que se vestem para desfilar e que sabem o que fazer na avenida”.

Sandra revela uma insatisfação que reflete, também, o posicionamento de muitas outras baianas atualmente: “Na maioria das vezes estamos entregues a carnavalescos que desenham coisas mirabolantes como se não fossem pessoas que iriam vestir aquelas cangalhas todas”.

Quanto a responsabilidade que as baianas carregam, Sandra responde que as baianas carregam o enredo da escola e diz que para ela é “um orgulho ostentar a roupa e girar para mostrá-la e dançar para o agrado do povo”. Outra responsabilidade surge em escolas que colocam as baianas “logo no início da escola para que os giros espantem as coisas ruins da passarela”. Por meio da resposta de Sandra podemos observar o valor que tem para uma baiana a tão esplendorosa indumentária, sobre a qual Donato (2007) discorre, e também o elo das baianas com o sagrado.

Sobre a relevância das baianas para a resistência da cultura africana, Sandra, ressalta que essas mulheres, que são, em sua maioria, negras, “lutaram e lutam até os dias de hoje para que as pessoas reconheçam que qualidades e virtudes não estão em cor de pele e descendência, mas sim em suas atitudes”. Segundo Sandra, muitas vezes acontece de baianas mais novas “tombarem no meio do percurso” (do desfile e “as de mais idade” são quem tem força para reerguê-las “mostrando que tudo é questão de amar estar ali”. Sandra termina dizendo que “sem esse axé o desfile não acontece.”

Elídio defende que a partir do momento que entendemos as baianas como sendo uma instituição simbólica, é possível afirmar que o papel das baianas é “fundamental por seu valor histórico, sua influência e valorização nos eventos em que participam, seu papel junto as comunidades”. Mas, segundo Elídio, essa afirmativa representa um olhar de quem está de fora.

Alexandre começa exclamando sobre o quanto as tias do samba foram fundamentais para a criação das escolas, e afirma que “além disso, a origem da ala é muito identificada, até pela indumentária, com o Candomblé”. Ele revela que é “claro”, que ele acha “que elas foram fundamentais para a resistência da cultura africana no passado”, mas, segundo ele, “nos tempos atuais, as próprias escolas tem cada vez menos ligação com a cultura africana, mesmo que façam enredos afros”.

Sobre a particularidade e o significado das fantasias das baianas, considera-se importante, para esta pesquisa, identificar até que ponto o carnavalesco pensa as baianas como sendo constituintes de um corpo que carrega um valor sagrado e requer tratamentos específicos.

Elídio responde que seja lá qual for o significado que se objetiva dar a fantasia para que se enquadre no enredo, há uma identidade visual com a qual ele se preocupa e respeita. Ele cita que esta preocupação está voltada à preservação de elementos como “colar, pano das costas e babado na saia”.

Observa-se que os elementos, como colar, pano nas costas e babados na saia, que foram apresentados como caracterizadores das baianas por Donato (2007), permanecem sendo preservados até os dias atuais, como resistência da cultura africana que foi trazida pelas tias baianas para a cidade carioca.

Sobre o papel das baianas na comunicação do enredo, Elídio responde a essa pergunta dizendo que este papel “depende diretamente da valorização que esse grupo tem para o olhar de quem organiza o desfile”. Segundo ele, “hoje, elas representam uma parte do enredo, logo, tudo depende do significado da fantasia e da criação do carnavalesco, da equipe de carnaval”.

Alexandre considera que “na medida em que as escolas estão se transformando, o papel das baianas também está mudando”. Para ele, elas eram imagem da tradição e com isso tinham sempre um papel de destaque no que se tratava a descrição do enredo, porém, hoje, ele teme que no futuro elas “passem a ter, como tudo nas escolas de samba, um papel mais estético do que referência à identidade da escola”.

Ele afirma que, ultimamente, tem estado cada vez mais difícil completar o contingente de uma ala de baianas, pois muitas estão desistindo e dando como justificativa o peso das fantasias e a falta de atenção, e até de respeito, das escolas pela ala. Ele afirma, ainda, que existem também as baianas que abandonam sua função por se tornarem evangélicas. Segundo Alexandre, essas representam uma considerável parcela.

Alexandre teme que futuramente elas deixem de ser uma obrigatoriedade, mas acredita que antes essas alas passarão grandes mudanças em suas características. Ele revela que não vê com distância as possibilidades das grandes escolas começarem a aceitar oficialmente homens que represente o papel de baianos nas alas, como uma alternativa do esvaziamento do setor.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que, com as negociações que o Carnaval Carioca e as escolas de samba foram fazendo ao longo dos anos com a mídia, com a estética, com o espetáculo midiático e com a tradição, muitas características foram se perdendo. Mas, podemos ver que, segundo os entrevistados, a Ala das Baianas é uma das poucas que resiste resguardando algumas de suas características que até o momento são inegociáveis, enquanto outras foram sendo cedidas. Elementos identitários seguem compondo este corpo como o girar, e a fantasia que mantém como exigência peças que carregam significados de ancestralidade e resistência.

É possível, também, notar um temor de que essa resistência perca força com o tempo e que esse espaço reservado às baianas seja reduzido e que suas tradições sejam dominadas pelas pressões da mídia, do espetáculo e das modernidades.

É importante compreender que tais análises se restringem aos olhares dos entrevistados que compõem uma visão restrita às suas vivências e que novos estudos são necessários para discutir essa questão e chegar a uma elucidação maior do tema. Sendo assim, este estudo tem por objetivo, lançar mão dessa discussão e trazer para o meio acadêmicos a reflexão sobre o espaço de resistência das mães-baianas das Escolas de Samba do Carnaval Carioca.

REFERÊNCIAS

- ALBIN, Ricardo Cravo. Escolas de Samba. **Textos escolhidos de cultura e artes populares**, Rio de Janeiro: v.6, n1, 2009.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. Baianas e Velha Guarda: corpo e envelhecimento no carnaval carioca. In: Goldenberg, M. (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- _____. Os sentidos no espetáculo. **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, 2002, v. 45 n° 1.
- COSTA, Haroldo. 100 anos de carnaval no Rio de Janeiro. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais Malandros e Heróis: para um sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 6ed, 1997.
- DONATO, Maria Aparecida. **Mãe Baiana: corpo-linguagem um estudo sobre o mito na cultura do samba no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- FERNANDES, Cíntia SanMartin. Corpos sensíveis na dinâmica urbana: interações e sentidos. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (Org.). **A construção Social das Emoções: corpo e construção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed – São Paulo: Atlas, 2002.

PEGADO, Israel Antonio Sequeira. **A evolução do Carnaval Carioca**: a festa popular que virou produto. Pará: Universidade Federal do Pará, 2005

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

RODRIGUES, José Carlos. **Antropologia da comunicação**: princípios radicais. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As tias baianas tomam conta do pedaço: Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: 1990.